

# **ANTECEDENTES À INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICO- -HISTORIOGRÁFICA DA ESCOLÁSTICA COLONIAL: A CONTRIBUIÇÃO DE MAURICIO BEUCHOT**

ROBERTO HOFMEISTER PICH

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS*

## RESUMEN / RESUMO

Mauricio Beuchot (1950- ) realizou e continua realizando pesquisas de grande importância para o conhecimento dos autores e das tendências do pensamento filosófico no período colonial da história do México. Essas pesquisas tangem diretamente a descrição da escolástica colonial, em um dos seus contextos mais ricos em desempenho. O presente estudo ressalta o projeto de pesquisa e a notável produção bibliográfica respectiva de Mauricio Beuchot.

*Palabras clave / Palavras-chave:* Mauricio Beuchot, escolástica colonial, filosofia no México colonial, Alonso de la Vera Cruz.

## ABSTRACT

Mauricio Beuchot (1950- ) has done and remains doing researches of great significance for the knowledge of authors and tendencies of the philosophical thought in the colonial period of Mexican history. These researches touch directly the description of colonial scholasticism, in one of its most richly developed contexts. This study highlights the research project and the remarkable corresponding bibliographical production of Mauricio Beuchot.

*Keywords:* Mauricio Beuchot, colonial scholasticism, philosophy in colonial Mexico, Alonso de la Vera Cruz.

## I. INTRODUÇÃO

A investigação da recepção e do desenvolvimento da filosofia escolástica barroca na América Latina, durante parte significativa do período colonial, isto é, séculos 16-18, já tem um histórico de destaque no México ou na Nova Espanha. Em seu ambicioso projeto de pesquisa sobre a filosofia colonial, isto é, acerca dos fatos (dos materiais existentes) e dos méritos teóricos da filosofia colonial “barroca”, tanto detalhados a partir das fontes em seus próprios termos como estimados segundo aguda visão da filosofia contemporânea, Walter Bernard Redmond<sup>1</sup> foi também pioneiro da moderna pesquisa filosófica sobre filósofos coloniais novo-hispanos. Como é característico do seu trabalho, acentuou autores e obras dedicadas à lógica (tanto a lógica “menor” como à *logica vetus*), à filosofia da lógica e da linguagem<sup>2</sup>. Também na Nova Espanha, muito cedo os espanhóis convenceram-se de criar um sistema universitário em seguimento ao adotado nas universidades de Salamanca e Alcalá de Henares. Em 1548, Carlos V expediu cédula à Real Pontifícia Universidad de México. Começando alguns anos depois as suas atividades, a 21 de setembro de 1551, sob o nome mencionado, a primeira universidade mexicana permanece hoje, com o nome de Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Naturalmente, a filosofia dominante foi a escolástica, primariamente – em caráter diocesano – regulamentada pelos colégios das Ordens. Já um pouco antes, em 1540, no colégio da Ordem dos Agostinianos, o frade Alonso de la Vera Cruz (1507/Espanha - 1584/México) tornou-se o primeiro a ensinar filosofia no Novo Mundo. Em 1554, surge a primeira obra de filosofia no Ocidente americano, um livro de lógica, em dois volumes: *Recognitio summularum* (1554) e *Dialectica resolutio* (1554). Em 1557, Vera Cruz foi autor de uma obra sobre filosofia da natureza, a *Physica speculatio*, perfazendo assim um curso completo de filosofia ou “artes”, como adotado no modelo da nova universidade, em seguimento à Universidade de Salamanca<sup>3</sup>.

1 Cf. as entradas abaixo, na Bibliografia.

2 Cf. R. H. PICH, “Recepção e desenvolvimento da Escolástica Barroca na América Latina, séculos 16-18: notas sobre a contribuição de Walter Bernard Redmond”, em *Scripta Mediaevalia*, 4/2 (2011), 1-22.

3 Cf., por exemplo, W. B. REDMOND – M. BEUCHOT, *Pensamiento y realidad en fray Alonso de la Vera Cruz*, México, Centro de Estudios Clásicos – UNAM, 1987, 13-17 (“Esbozo biográfico”). É interessante analisar o quão cedo a filosofia teve início como atividade acadêmico-profissional da Nova Espanha. Por contraste, a colonização anglo-saxônica começou em 1587 e foi só em 1685 que o ensino da filosofia teve começo na América do Norte, quando William Brattle, no Harvard College, ministrou um curso de lógica. Segundo Oswaldo Robles, *Filósofos mexicanos del siglo XVI*, México, Porrúa, 1950, 12, o manuscrito de Brattle circulou por meio século, até que finalmente, em 1735, foi impresso em Boston, quase duzentos anos depois de Vera Cruz ter impresso as suas lições utilizadas em e para a docência.

Na pesquisa de Walter B. Redmond, os grandes heróis filosóficos na área da lógica, durante o período americano colonial, foram Alonso de la Vera Cruz e Antonio de la Rueda Rubio (1548-1615). Em comum com os lógicos do seu tempo, revelando a adoção de uma lógica terminista em seus próprios termos, Vera Cruz, segundo o parecer de Redmond, contribuiu de forma original para os mecanismos de análise de sentenças<sup>4</sup>. Pode-se afirmar, como veredicto geral que, em diálogo próximo com as discussões do final do século 13 e do início do século 14, Vera Cruz formulou, em 1554, com outros de seus colegas, regras de expansão para sentenças gerais em disjunções e/ou conjunções (regras de “descenso”), e regras segundo as quais fosse possível formar sentenças gerais (regras de “ascenso” ou “indução”). Como resultado, foi levado a definir as formas de “quantificação”, utilizando-as no estudo de sentenças de tipos diversos, tais como quantificações não padronizadas, relações e modalidades, etc.<sup>5</sup>.

Muito em especial, após 16 anos como professor no México, o jesuíta Antonio Rubio escreveu o que esperava tornar-se três manuais paradigmáticos de filosofia, destinados às universidades. A sua grande obra sobre lógica, *Commentarii in universam Aristotelis dialecticam*, apareceu primeiramente em 1603 e, em 1641, já contava com 18 edições, diversas delas, em verdades, respectivas à forma reduzida dos *Commentarii*, famosamente renomeados como “*Logica mexicana*” na edição de 1605, em Colônia, tornando-se o livro texto sobre lógica na ainda jovem Universidade de Alcalá de Henares (Espanha)<sup>6</sup>. Além disso, quatro das suas obras sobre filosofia natural tiveram mais de 35 edições. Eventualmente sob o eclipse causado pelas *Disputationes metaphysicae*, de Francisco Suárez, publicadas em 1597, a obra de Antonio Rubio sobre a

4 Cf., por exemplo, W. B. REDMOND – M. BEUCHOT, *La lógica mexicana del Siglo de Oro*, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas – UNAM, 1985; ID., *Pensamiento y realidad*, o. c.; ID., *Dos homenajes: Alonso de la Veracruz y F. X. Clavigero*, Michoacán, 1992; ID., *Fray Alonso de la Veracruz – Antología y facetas de su obra*, México, 1992.

5 Cf., por exemplo, W. B. REDMOND, “Formal Logic in New Spain: The Work of Fray Alonso”, en *International Philosophical Quarterly*, 19:3 (1979), 331-351; ID., “Logic in New Spain”, en *The Review of Metaphysics*, 33 (1979), 220-221; ID., “Extensional Interpretation of General Sentences in 16th. Century Ibero-American Logic”, en *Crítica*, 13/39 (1981), 45-73. ID., “La suposición y el ascenso/descenso en Alonso de la Veracruz”, en *Revista de filosofía*, 15/42 (1982), 349-393; ID., “Modal Logic in 16th. Century Mexico”, en *Crítica*, 15/43 (1983), 31-49; ID., “Extensionalidad en la lógica asertórica y modal de la Nueva España”, en *Analogía*, 1 (1987), 61-67 (online); ID., “La inferencia cuantificada en la lógica mexicana del siglo XVI”, en *Diánoia*, 45 (1999), 1-33; ID., “Quantified Inference in 16th. Century Mexican Logic”, en *Vivarium* (2001), 87-118; ID., *La lógica del siglo de oro. Una introducción histórica a la lógica*, Pamplona, Eunsa, 2002. Cf. também M. BEUCHOT, *Antología de fray Alonso de la Vera Cruz*, Morelia, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 1988. Cf. W. B. REDMOND, “Latin America, Colonial Thought in”, en E. CRAIG (ed.), *The Routledge Encyclopedia of Philosophy*, London – New York, Routledge, Vol. 5, 1998, 422sq.

6 Cf. W. B. REDMOND, “La *Logica mexicana* de Antonio Rubio – Una nota histórica”, en *Diánoia* (UNAM), 28 (1982), 349-393.

metafísica jamais foi publicada, tendo de fato sido perdida. Como um todo, as obras de Rubio receberam mais de 50 edições e foram editadas em pelo menos seis países europeus. Ainda que muitas das discussões que constam em Vera Cruz sejam repetidas e expandidas por Rubio, Redmond chamou a atenção para uma teoria – eventualmente original – sobre a relação entre lógica e ciência, presente nos *Commentarii* de 1603<sup>7</sup>. Sendo uma “ciência” um “sistema axiomático”, “geral” e sobre o “geral”, “necessária” e sobre o “necessário”, dizendo o “nomológico” na natureza ou em um domínio de fenômenos, identificando as propriedades respectivas ao seu objeto de estudo, cabe dizer que cientistas também podem fazer uso da lógica, e isso de dois modos complementares. No lado “prático” (*compositorius*) da lógica, cientistas constroem sentenças, ligando-as para formar inferências dedutivas dentro de um sistema; no lado “teórico” (*resolutorius*), cientistas retomam os caminhos das inferências de volta para os axiomas e notam as suas partes, a saber, os termos. Nota-se a partir dessa prática que *a lógica, ela mesma*, é um “sistema de axiomas”. E a lógica é *única* como ciência, dado que o seu objeto é o mesmo que o de todas as ciências – a própria lógica não tem objeto<sup>8</sup>. Para Redmond, porém, Rubio foi além. Encontra-se na sua obra uma discussão instigante sobre o que venham a ser “entidades lógicas”. “Entidades lógicas” são relações e relações conversas – ou seja, “construção” e “análise”. Na *construção*, termos perfazem afirmações, afirmações perfazem inferências, e essas se ligam em um sistema. *Análise* é a relação conversa de “ser feito de”: o sistema é feito de “inferências”, “inferências” de “afirmações”, etc. “Relações” e “relações conversas” podem ser expostas no sujeito e predicado de sentenças. A lógica *qua* ciência estuda essas relações e as identifica no discurso científico. Se um cientista afirma “seres humanos podem raciocinar”, e o lógico afirma que “poder raciocinar” é um predicado, esse último mostra que o cientista atribui a propriedade lógica de ser um predicado à “coisa” que têm o poder de raciocinar. Ciência e lógica possuem tipos diferentes de propriedades, “reais” e “lógicas”, respectivamente, à medida que as últimas são “intenções segundas”, dado que se aplicam a coisas como conhecidas e são *entia rationis*: propriedades lógicas não se aplicam realmente a coisas; a lógica as estuda, atribuindo-as a entidades que outras ciências investigam; entretanto, só essas entidades se aplicam a coisas reais do mundo<sup>9</sup>.

Apesar de ainda muito parcial diante da quantidade de materiais catalogados e inventariados, a pesquisa sobre o pensamento (escolástico) colonial no

7 Baseio-me diretamente em W. B. REDMOND, “Latin America, Colonial Thought in”, *o. c.*, 422-423.

8 Cf. W. B. REDMOND, “Lógica y ciencia en la *Logica mexicana* de Rubio”, en *Quiipu: Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*, 1/1 (1984), 55-82.

9 Cf. W. B. REDMOND, “Latin America, Colonial Thought in”, *o. c.*, 422-423.

âmbito da Nova Espanha (México) recebeu um impulso fundamental e uma abordagem geral significativa, através da obra de Redmond. Algo semelhante deve ser dito de Mauricio Beuchot, que tanto deu seguimento aos trabalhos de Redmond, trabalhou em conjunto com Redmond em estudos críticos, traduções e apresentações de autores e obras, como expandiu significativamente o leque de exposição do passado filosófico mexicano. Porém, se a perspectiva de investigação de Walter B. Redmond originalmente era respectiva à filosofia colonial como um todo, como um caso, acima de tudo, de escolasticismo ibérico-colonial, Mauricio Beuchot pesquisou os autores, as obras e os temas coloniais sobretudo na perspectiva de uma história da filosofia novo-hispânica<sup>10</sup>. No que segue, cabe apresentar brevemente o autor e a sua obra<sup>11</sup>, delineando sucintamente as características gerais de sua pesquisa histórico-filosófica (1.), fornecendo, além disso, uma Bibliografia seletiva de seus trabalhos, a saber, respectiva à filosofia escolástica, à Segunda Escolástica e à filosofia colonial ou novo-hispana (2.).

## II. SOBRE MAURICIO BEUCHOT

Mauricio Beuchot Puente é natural de Torreón, Província de Coahuila, no México, onde nasceu em 04 de março de 1950. É sacerdote e frei dominicano. Obteve o grau de licenciado em filosofia em 1976, pelo “Instituto Superior Autónomo de Occidente” (hoje Universidad del Valle de Atemajac). O doutorado em filosofia foi obtido em 1980, pela Universidad Iberoamericana (UIA), com a tese “Sobre el problema de los universales en la filosofía analítica y en la metafísica tomista” (publicada em 1981; cf. a “Bibliografía”, sob. 2.1, abaixo). Para citar apenas algumas das distinções que recebeu, Mauricio Beuchot, desde 1985, faz parte do “Sistema Nacional de Investigadores” do México; desde 1990, é investigador titular de tempo integral do “Instituto de Investigaciones

10 Cf., por exemplo, M. BEUCHOT, *Filósofos dominicos novohispanos. (Entre sus colegios y la universidad)*, Ciudad de México, UNAM, 1987; ID., *Estudios de historia y de filosofía en el México colonial*, Ciudad de México, Instituto de Investigaciones Bibliográficas de la UNAM, 1991; ID., *Historia de la filosofía en el México colonial*, Barcelona, Herder, 1996 (inglês: *The History of Philosophy in Colonial Mexico*, Washington, The Catholic University of America Press, 1998). Cf. abaixo sob III.

11 E. AGUAYO, *Pensamiento e investigaciones filosóficas de Mauricio Beuchot*, Ciudad de México, Universidad Iberoamericana, 1996, ofereceu uma visão sistemática bastante completa do pensamento filosófico de Mauricio Beuchot. Nesse intuito, a sua obra assim se divide: “1. Vida y obra de Mauricio Beuchot”; “2. Concepto de filosofía”; “3. Métodos que utiliza Beuchot tanto para hacer historia de la filosofía como para exponer su propio pensamiento”; “4. Lógica”; “5. Epistemología”; “6. Filosofía del lenguaje”; “7. Metafísica”; “8. Antropología filosófica”; “9. Ética”; “10. Filosofía del derecho”. Deve ser notado que a monografia de Enrique Aguayo não contempla os trabalhos de Mauricio Beuchot sobre a “hermenêutica analógica”.

Filológicas (IIFL) da Universidad Autónoma de México (UNAM)”; desde 1990, é membro da “Academia Mexicana de la Historia”; desde 1996, é membro da “Sociedad Cultural Sor Juana Inés de la Cruz”, Ciudad de México; desde 1996, é membro da “Academia de Doctores en Humanidades”; desde 1997, é membro da “Academia Mexicana de la Lengua”; desde 1999, é membro da “Academia Pontificia de Santo Tomás de Aquino”. Mauricio Beuchot participou ou participa de mais de dez sociedades científicas, no México e outros países, como por exemplo, “Asociación Filosófica de México”, “Society for the Eighteenth Century Studies” (Minneapolis, EUA), “Sociedade de Filosofia Medieval”, (Zaragoza, Espanha), “British Society for the History of Philosophy” (Londres, Inglaterra) e “Programa Internacional de Rescate e Investigación del Pensamiento Colonial Iberoamericano” (Caracas, Venezuela). Exercendo atividades docentes desde 1975, Mauricio Beuchot, hoje, é coordenador do “Seminario de Hermenéutica del Instituto de Investigaciones Filológicas” da UNAM, onde é professor desde 1979. A sua atividade docente sempre esteve concentrada na lógica, filosofia da lógica, filosofia da linguagem, filosofia escolástica e filosofia novo-hispana. Integrou tanto o “Instituto de Investigaciones Filosóficas” como o “Instituto de Investigaciones Filológicas” da UNAM, e neste último instituto é professor, em tempo integral, desde o ano de 1991. Hoje, Mauricio Beuchot é “Investigador Titular” do “Centro de Estudios Clásicos del Instituto de Investigaciones Filológicas” da UNAM<sup>12</sup>.

Alguns dos projetos nos quais Mauricio Beuchot se engajou denunciam justamente as suas principais direções de pesquisa e desempenho intelectual, a saber, a filosofia escolástica, a Escolástica Barroca e a filosofia colonial novo-hispana. Assim, por exemplo, participou em 1994 do “Proyecto de Cultura Novohispana del Instituto de Investigaciones Filológicas de la UNAM y de CONACYT [Consejo Nacional de Ciencias y Tecnología de México]”; desde 1991, foi responsável pelo “Proyecto Cultura Medieval”, do Programa de Projetos de Iniciação à Pesquisa da UNAM<sup>13</sup>. Inegavelmente, a vastíssima produção bibliográfica de Mauricio Beuchot cobre, além dos já citados, temas diversos, em especial, a filosofia da linguagem, a filosofia analítica, o estruturalismo e, sobretudo, a hermenêutica. Cabe, contudo, indicar alguns domínios característicos em suas pesquisas sobre pensamento escolástico e filosofia novo-hispana, como arroladas a seguir, na “Bibliografía”<sup>14</sup>. (I) No âmbito da filosofia medieval, destacam-se, sem dúvida, os estudos sobre Tomás de

12 Cf. N. M. MATAMOROS, “Mauricio Beuchot Puente. El hombre y su obra”, en <http://www.en-sayistas.org/filosofos/mexico/beuchot/introd.htm>. Consultado pela última vez em 20 de novembro de 2011. Cf. também E. AGUAYO, op. cit., Ciudad de México, Universidad Iberoamericana, 1996, 19-28.

13 Cf. *Ib.*

14 Uma divisão similar foi feita por E. AGUAYO, *Pensamiento, o. c.*, 179-221.

Aquino, e, aqui, sobretudo sobre os universais e os fundamentos da metafísica, e ainda sobre a filosofia da linguagem<sup>15</sup> – o que, desde a sua formação mesma, colocou Mauricio Beuchot em diálogo com as diferentes escolas medievais e, ademais, pôs essas escolas medievais em diálogo com a filosofia da linguagem e a filosofia analítica contemporâneas. (II) No domínio da Escolástica Barroca ou dos estudos pós-medievais, destacam-se trabalhos sobre semiótica e filosofia da linguagem, por exemplo, sobre João de Santo Tomás<sup>16</sup>. (III) Na área da filosofia colonial novo-hispana, é possível afirmar que quatro tipos de abordagens ganham destaque: (a) os trabalhos sobre filosofia da lógica, teoria da argumentação, Alonso de la Vera Cruz e Tomás de Mercado, incluindo, aqui, estudos, traduções e edições bilíngües<sup>17</sup>; (b) os trabalhos sobre filósofos e pensadores dominicanos no México<sup>18</sup>; (c) os estudos panorâmicos ou gerais sobre a história da filosofia novo-hispana<sup>19</sup>; (d) finalmente, os estudos sobre temas

15 Cf., *por exemplo* (cf. por completo na “Bibliografía”), os seguintes livros: M. BEUCHOT, *La antropología filosófica de Tomás de Aquino*, México, Centro de Estudios y Formación Social, 1979; ID., *El problema de los universales*, México, Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, 1981 (21997); ID., *La filosofía del lenguaje en la Edad Media*, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1982 (21991); ID., *Filosofía analítica, filosofía tomista y metafísica*, México, Universidad Iberoamericana, 1983.

16 Cf., *por exemplo* (cf. por completo na “Bibliografía”), os seguintes livros: M. BEUCHOT, Juan de Santo Tomás. *Compendio de lógica*, introducción, traducción y notas de M. BEUCHOT, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1986; ID., Juan de Santo Tomás. *Cuestiones de lógica*, introd., trad. y notas de M. BEUCHOT, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, 1987; ID., *Significado y discurso. La filosofía del lenguaje en algunos escolásticos españoles post-medievales*, Ciudad de México, UNAM, 1988; ID., Juan de Santo Tomás. *De los signos y los conceptos*, introducción y traducción de M. Beuchot, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1989.

17 Cf., *por exemplo* (cf. por completo na “Bibliografía”), os seguintes livros: W. B. REDMOND – M. BEUCHOT, *La lógica mexicana, o. c.*; W. B. REDMOND – M. BEUCHOT, *Pensamiento y realidad, o. c.*; M. BEUCHOT, *Antología de fray Alonso, o. c.*; ID., Alonso de la Vera Cruz, *Libro de los elencos sofisticos*, introducción, traducción y notas de M. BEUCHOT, Ciudad de México, UNAM, 1989; ID., Alonso de la Vera Cruz, *Libro de los tópicos dialéticos*, introducción, traducción y notas de M. Beuchot, Ciudad de México, UNAM, 1989. Cf. também M. BEUCHOT, Tomás de Mercado, *Comentarios lucidísimos al texto de Pedro Hispano*, traducción e introducción de M. BEUCHOT, Ciudad de México, UNAM, 1986; M. BEUCHOT – J. ÍÑIGUEZ, *El pensamiento filosófico de Tomás de Mercado: lógica y economía*, Ciudad de México, UNAM, 1990; cf. ainda M. BEUCHOT – W. B. REDMOND, *La teoría de la argumentación en el México colonial*, México, UNAM, 1995; M. BEUCHOT, *Filosofía y lenguaje en la Nueva España*, México, IIFL – UNAM, 2011.

18 Cf., *por exemplo* (cf. por completo na “Bibliografía”), os seguintes livros: M. BEUCHOT – A. MELCON, *Los dominicos en la Real y Pontificia Universidad de México*, México, Cuadernos Dominicanos 10, 1984; M. BEUCHOT, *Filósofos dominicos novohispanos, o. c.*; ID., *La teología de los dominicos novohispanos de México, en el siglo XVI*, México, Cuadernos Presencia Dominicana, 1992.

19 Cf., *por exemplo* (cf. por completo na “Bibliografía”), os seguintes livros: M. BEUCHOT, *Estudios de historia y de filosofía, o. c.*; ID., *Historia de la filosofía, o. c.* (Inglês: *The History of Philosophy in Colonial Mexico*, Washington, The Catholic University of America Press, 1998); ID., *Facetas del pensamiento colonial mexicano*, México, Cuadernos del Seminario de Cultura Mexicana, 2008.

sociais, ético-jurídicos e humanistas, incluindo discussões sobre a “querela da conquista” e a “justiça social”<sup>20</sup>.

A concepção metodológica de Beuchot sobre a história e a investigação da filosofia colonial novo-hispana pode ser visualizada em sua principal obra de exposição nesse domínio, a saber, *Historia de la filosofía en el México colonial*, 1996 (inglês: *The History of Philosophy in Colonial Mexico*, 1998; cf. a “Bibliografía”). Nessa obra, evidencia-se uma “Hermenêutica da história da filosofia novo-hispana” e uma “Historiografia e filosofia da história da filosofia novo-hispana”, dividindo-se depois em quatro partes, a saber, “Século XVI”, “Século XVII”, “Século XVIII” e “Século XIX”. Assim, Beuchot divide o Capítulo “Século XVI” em “1. Panorama Geral”, “2. Filósofos humanistas” e “3. Filósofos escolásticos”. É particularmente interessante que Beuchot inclua, entre os filósofos humanistas, Bartolomé de las Casas e Don Vasco de Quiroga. No caso dos filósofos escolásticos, Beuchot trabalhou com uma divisão respectiva às Ordens religiosas, “Franciscanos”, “Dominicanos”, “Agostinianos” e “Jesuítas”. Nos demais três capítulos, relativos aos outros três séculos, uma divisão semelhante será utilizada, ou seja, os principais pensadores e as suas obras, esquematizados segundo a Ordem religiosa à qual pertenceram. Assim, pois, o Capítulo “Século XVII” apresenta a seguinte divisão: “1. Panorama Geral”; “2. Franciscanos”; “3. Dominicanos”; “4. Agostinianos”; “5. Mercedários”; “6. Jesuítas”; “7. Clérigos seculares”; “8. Religiosas o monjas”. O Capítulo “Século XVIII” é dividido assim: “1. Panorama Geral”; “2. Franciscanos”; “3. Dominicanos”; “4. Agostinianos”; “5. Carmelitas”; “6. Mercedários”; “7. Jesuítas”; “8. Oratorianos”; “9. Clérigos regulares”. O Capítulo “Século XIX”, finalmente, apresenta essa forma de divisão: “1. Panorama Geral”; “2. Franciscanos”; “3. Dominicanos”; “4. Jesuítas”; “5. Clérigos seculares”.

Beuchot acredita que, com essa obra, oferece uma história completa dos três séculos de filosofia no período colonial mexicano (1521-1821), em ordem cronológica e em atenção aos grandes movimentos intelectuais<sup>21</sup>. Em “I. Hermenêutica da história da filosofia novo-hispana”, no intuito de estabelecer a visão hermenêutica adequada cabe distinguir (a) fatos que produziram ideias filosóficas e (b) o relato desses mesmos, em que a primeira acepção é a “história”, a segunda é a “historiografia”. Não se pode escrever a história sem

20 Cf., por exemplo (cf. por completo na “Bibliografía”), os seguintes livros: M. BEUCHOT, *La filosofía social de los pensadores novohispanos. La búsqueda de la justicia social y el bien común en tiempos del virreinato*, México, IMDOSOC, 1990; ID., *La querella de la conquista. Una polémica del siglo XVI*, México, Siglo XXI, 1992; ID., *Los fundamentos de los derechos humanos en Bartolomé de las Casas*, Barcelona – Bogotá, Anthropos – Siglo del Hombre Eds., 1994; ID., *Filósofos humanistas novohispanos*, Pamplona, Universidad de Navarra, 2002.

21 Cf. M. BEUCHOT, *Historia de la filosofía*, o. c., 11.



uma “filosofia da historiografia” e uma “filosofia da história”. A historiografia é o somatório de instrumentos conceituais com os quais a história é escrita<sup>22</sup>, sobretudo instrumentos de “metodologia” e “epistemologia”. É a teoria que guia o processo historiográfico de um investigador, e seus passos são (i) “investigação”, (ii) “crítica”, (iii) “compreensão” ou “interpretação”, (iv) “explicação”, (v) “reconstrução”, “construção” ou “composição” e (vi) “expressão”, sendo (iii) compreensão ou “hermenêutica” e (iv) explicação ou “etiologia” os mais importantes. Para Beuchot, essas virtudes se fundem na “hermenêutica”, tal que a sua “filosofia da historiografia” se transforma em um “labor interpretativo-explicativo”. Ela será a “hermenêutica filosófica” aplicada à história da filosofia no México colonial e a ela se seguirá uma “filosofia da história”, que, buscando “sentido” e “valor”, será aplicada à própria “história filosófica do México”<sup>23</sup>. Beuchot afirma que a “hermenêutica” é interdisciplinar e nesses termos insere-se na filosofia. Ali, ela se beneficia de outras ciências e técnicas, buscando achar regras que regulem a atividade interpretativa, preservando a “individualidade do texto”, dando-lhe “acesso cognitivo” e permitindo ganhar o significado do texto a partir de vários contextos – pondo-o, então, no contexto “do intérprete”<sup>24</sup>. Para nortear a interpretação, Beuchot vale-se de princípios de Paul Ricoeur: (a) o distanciamento hermenêutico, em que é dada ao texto certa autonomia e individualidade; (b) a superação da distinção entre compreensão e explicação, através da mediação da “explicação estrutural” e da “compreensão”; (c) a abertura do texto ao seu mundo próprio, em que há o momento de “sentido” (organização interna da obra) e o de “referência” (remissão ao mundo histórico, concreto, que a obra abre); (d) a “crítica da ideologia”, dado que a relação do intérprete com o texto conta com a sua subjetividade, mas a sua subjetividade não deve projetar-se sobre o texto, mas antes expor-se a ele<sup>25</sup>.

Sendo apresentada uma hermenêutica da história, Beuchot ocupa-se de determinar o que quer dizer com “filosofia mexicana”, e isso diz respeito à identificação e periodicização. Se filosofia colonial mexicana é aquela feita por “filósofos mexicanos” na época colonial, esses são vistos em sentido amplo, tanto os que, não tendo nascido no México, ali trabalharam e ali tiveram desempenho filosófico, como os que nasceram no México, mas fizeram as suas realizações no estrangeiro. Naturalmente, é “filósofo mexicano” aquele que nasceu e trabalhou com filosofia no México. Além disso, são “filósofos mexicanos” os que nasceram ou trabalharam em lugares que pertenceram ao marco

22 *Ib.*, 13-14.

23 *Ib.*, 16-17.

24 *Ib.*, 17-18.

25 *Ib.*, 18-20.

geográfico do México da época colonial<sup>26</sup>. Beuchot nota que a “escolástica mexicana” esteve sempre muito próxima da “escolástica espanhola”. Se houve muita repetição de método e conteúdo, houve também alguma criatividade, em alguns casos combinação de criatividade e gênio. Beuchot, contudo, insiste no critério de juízo de valor segundo o qual a busca da verdade, na filosofia escolástica, é muito mais comum e central do que a busca por “novidade” ou “originalidade”<sup>27</sup>. Junto com Walter B. Redmond, Beuchot concorda que, para fazer juízos de valor em história da filosofia, mais importante é “verdadeiro” ou “falso” do que “vigente” ou “superada”<sup>28</sup>. Beuchot aceita, de toda maneira, a sugestão de que (i) até o século 18 houve sobretudo uma “importação da filosofia escolástica”, com alguns rasgos de humanismo, e (ii) a partir do século 18 teve lugar uma “importação eletiva”, a saber, entre a escolástica e a filosofia moderna. Isso equivale basicamente à divisão em (i’) “escolástica pura” e (ii’) “escolástica modernizada”. Em um e outro caso, houve filósofos que fizeram *muito boa filosofia escolástica*, tão profissionalizada como a escolástica dos melhores centros europeus, e ainda com certa inovação, e houve filósofos que fizeram *muito boa filosofia eclética*<sup>29</sup>.

Em “II. Historiografia e filosofia da história da filosofia novo-hispana”, Beuchot busca oferecer uma perspectiva do “significado das correntes filosóficas” em seu país, o México. Nesse caso, deve ser percebido que não se pode deixar de lado a filosofia escolástica. Antes de mais nada, é útil inspecionar o parecer que historiadores deram sobre ela. E, nesse caso, faz-se filosofia da história, “aplicada como filosofia da história da filosofia”, a saber, a do México colonial<sup>30</sup>. Beuchot revisa<sup>31</sup> diversas “histórias da filosofia da Nova Espanha”, detectando leituras, cronologias, divisões e valorações. Em sua maior parte, como no caso de Samuel Ramos e sua *Historia de la filosofía en México*, a opinião sobre a filosofia escolástica é dura e desabonadora. Se é verdade que muitos historiadores criticam a filosofia colonial escolástica por causa de seu caráter “repetitivo” e fixo, Beuchot admira aqueles que não fizeram desse um critério de valor. Outros historiadores, mais atentos ao conteúdo das obras, como Oswaldo Robles – *Filósofos mexicanos del siglo XVI*, México, Porrúa, 1950 –, foram também mais cuidadosos em verificar que os filósofos novo-hispanos que representam a filosofia escolástica mostraram tendências, orientações e qualidades muito variadas, já em se observando a sua pertença a

26 *Ib.*, 24.

27 *Ib.*, 24-27.

28 *Ib.*, 27, também nota 14.

29 *Ib.*, 28.

30 *Ib.*, 29.

31 *Ib.*, 29-49.

rubricas como “tomismo”, “suarezianismo” e “scotismo”. Assim, por exemplo, o Frei Alonso de la Vera Cruz não foi exatamente um pensador original, mas um notável professor e “pedagogo”, renovando o “aristotelismo” e dispondo os manuais filosóficos afins para os estudantes de seu lugar e as demandas histórico-sociais de seu tempo<sup>32</sup>. Apesar de admirar obras como a de José María Gallegos Rocafull, *El pensamiento mexicano en los siglos XVI y XVII*, México, UNAM, 1951 (2<sup>a</sup> 1974), talvez até então a mais completa, documentada, detalhada e erudita história geral da vida cultural no México nos séculos 16 e 17, Beuchot lamenta a ausência de mais profundas reflexões hermenêuticas e avaliativas sobre a repercussão da filosofia escolástica no México. Ao final, uma inadequada abordagem hermenêutica é o que Beuchot vê também no historiador marxista Vicente Lombardo Toledano e mesmo na obra de Leopoldo Zea, para quem a filosofia escolástica foi um “instrumento para manter uma ordem estabelecida e negar o moderno”<sup>33</sup>. Ao final, Beuchot lembra que o próprio Walter B. Redmond, em sua obra de 1972 – *Bibliography of the Philosophy in the Iberian Colonies of America* –, advertia sobre três etapas da historiografia da filosofia colonial: (1) o rechaço em bloco, do fim do século 19 até começos do século 20; (2) o rechaço da escolástica e a aceitação da modernidade em filosofia e ciência, na primeira metade do século 20; (3) a tentativa de “apreciar justamente” a escolástica e o modernismo, avaliando a escolástica como de fato superior em certas áreas, como lógica e metafísica. Essa atitude pode ser vista desde meados do século 20, em historiadores como Gallegos Rocafull, I. Angellelli e W. B. Redmond<sup>34</sup>.

Finalmente, em “Conclusão valorativa: o posto e a função social da filosofia escolástica no México”, Beuchot faz um juízo de valor sobre a mesma. Dizendo ela respeito à “hermenêutica filosófica” ou à “filosofia da história da filosofia no México”, como responder à pergunta “O que os filósofos mexicanos trouxeram à filosofia escolástica?”. Beuchot reitera que houve bons filósofos escolásticos no México, não devendo ser enfatizado o aspecto de serem “originais”, mas de que bem ensinavam a filosofia “para o bem do povo, da sociedade”. Algumas vezes, fizeram isso com crítica e originalidade, ainda que essa não fosse a meta principal. Foi dessa forma que produziram alguma “irradiação cultural”, em que Beuchot concorda com historiadores, ao afirmar que “a escolástica transcendeu até o povo e lhe deu uma estrutura de pensamento” – talvez o mais das vezes filtrada pela pregação, manifestando-se então em costumes e sentenças. No seu aspecto mais técnico, como também hoje a filosofia,

32 *Ib.*, 44-45.

33 *Ib.*, 48.

34 *Ib.*, 49.

a filosofia colonial mexicana ficou confinada aos especialistas<sup>35</sup>. A segunda pergunta relevante, para Beuchot, é “O que a filosofia escolástica trouxe aos mexicanos”? Em certos casos, foi uma “arma de opressão”, sobretudo pelos que trabalhavam “para o poder e o governo”. Em outros muitos casos, porém, “foi empregada para a luta contra a opressão e a injustiça, com uma força que poucos alcançaram na atualidade. Serviu para argumentar em defesa dos índios, assinalando a injustiça que era a dominação que se exercia sobre eles”<sup>36</sup> – e aqui Beuchot situa, por exemplo, Las Casas e Alonso de la Vera Cruz. Ainda outros a utilizaram para “defender os direitos humanos e o bem-comum econômico-social”, entre eles Tomás de Mercado. E há estudos que indicam que a filosofia escolástica serviu para defender “os valores supremos da liberdade e a autonomia”, assim como se pode verificar em episódios da revolução de independência no México<sup>37</sup>.

Por fim, cabe lembrar que os estudos de Mauricio Beuchot sobre filosofia medieval e filosofia da escolástica barroca foram sempre caracterizados tanto por sólida formação histórico-filosófica e lingüística como por profundo intercuro com a filosofia contemporânea, sobretudo a filosofia da linguagem e a filosofia analítica. E é nesse intercuro que nasceu a proposta eventualmente original de uma “hermenêutica analógica” ou “analógico-icônica”<sup>38</sup>. Trata-se de uma teoria de hermenêutica filosófica, desenvolvida por Mauricio Beuchot desde 1993, que tem raízes na teoria da significação analógica do tomismo, recebeu influência da concepção de analogia de C. S. Peirce e também do “método analético” de Enrique Dussel. Para determinar e fundamentar significado na linguagem, a “hermenêutica analógica” se distingue de teorias de equivocidade e de univocidade. Se a “univocidade” tende a uma identidade de “significado” e “aplicação” – em que o que é dito é idêntico ao que a coisa é –, sendo uma abordagem “positivista” e “objetivista” em sentido estrito, se a “equivocidade” enfatiza a diferença entre “significado” e “aplicação” – em que o que é dito é simplesmente diferente daquilo que a coisa é –, sendo uma abordagem “relativista” e “subjetivista”, a analogia inclui identidade e diferença.

35 *Ib.*, 50.

36 *Ib.*

37 *Ib.*, 51.

38 Cf., por exemplo, M. BEUCHOT, *Tratado de hermenêutica analógica*, México, Facultad de Filosofía y Letras (UNAM) / Ítaca, 1997 (2009); ID., *Universalidad e individuo. La hermenêutica en la filosofía de la cultura y en las ciencias humanas*, Morelia, Editorial Jitanjáfora, 2002; ID., *Hermenêutica analógica y del umbral*, Salamanca, San Esteban, 2003; ID., *Hermenêutica analógica. Aplicaciones en América Latina*, Bogotá, El Búho, 2003; ID., *En el camino de la hermenêutica analógica*, Salamanca, San Esteban, 2005; M. BEUCHOT – G. VATTIMO – A. VELASCO, *Hermenêutica analógica y hermenêutica débil*, México, UNAM, 2006; M. BEUCHOT, *Compendio de hermenêutica analógica*, México, Torres Asociados, 2007.

“Analogia” dá espaço para “interpretações”, sugerindo hierarquias, para que, de modo ordenado, haja interpretação que consista no “analogado principal”, havendo, porém, outras “interpretações”, isto é, “analogados secundários”. A ênfase, pois, está na convicção mesma de que se pode afirmar algo com sentido sobre o mundo, embora esse dizer seja limitado; trata-se de uma hermenêutica de diálogo entre diferentes, enfatizando “convergências” e “pontos de acordo” que superem relativismo e incomensurabilidade, silêncio e intolerância. Segundo a analogia, portanto, é possível apontar para o ser, comprometendo-se relevantemente com o real através do “logos”. Dado que o falar-dizer aponta para o ser, para a verdade, e dado que a linguagem é de si capaz de fundar sentidos e modos de vida, ela mesma, comprometida em tanger o mundo e criar modos de vida, está automaticamente carregada de dimensão ética. Esse papel ativo do falar-dizer é algo que Beuchot encontra na filosofia antiga e nos principais sistemas da filosofia medieval, em que o verbo “ser” implica comprometimento, ação, o dizer o mundo e o dizer vida.

Assim, a filosofia antiga e a filosofia escolástica ajudaram Mauricio Beuchot a posicionar-se sobre dilemas da cultura e da filosofia contemporâneas, sobretudo a queda de paradigmas e metateorias, marcas do discurso e da situação pós-moderna. Se o dizer analógico significa a admissão da falibilidade em todos os âmbitos do entendimento humano, ainda assim ele implica mais do que a dúvida, tornando possível o encontro de posicionamento e o assumir responsabilidades. Essa metodologia de determinação de significado e busca de sentido, portanto, busca criar espaços racionais de aceitação e concordância sobre temas caros à cultura humana, tais como os direitos fundamentais – motivo pelo qual Mauricio Beuchot dedicou-se ao “jusnaturalismo” na tradição tomista e no debate ético contemporâneo<sup>39</sup>. A “hermenêutica analógica” pode ser vista, portanto, como uma crítica do discurso pós-moderno, sobre as suas noções de história e de sujeito. A partir daqui, Mauricio Beuchot estabeleceu um diálogo intenso com filósofos do seu tempo, tais como Paul Ricoeur, Karl-Otto Apel e Gianni Vattimo<sup>40</sup>.

39 Cf. M. BEUCHOT, *Interculturalidad y derechos humanos*, México, UNAM / Siglo XXI, 2005; ID., *Puentes hermenéuticos hacia las humanidades y la cultura*, México, Ediciones Eón, Universidad Iberoamericana, 2006; ID., *Temas de ética aplicada*, México, Torres Asociados, 2007.

40 Cf. novamente M. BEUCHOT – Gianni Vattimo – Ambrosio Velasco, *Hermenéutica analógica y hermenéutica débil*, 2006.

### III. BIBLIOGRAFIA SOBRE A FILOSOFIA ESCOLÁSTICA E A FILOSOFIA COLONIAL MEXICANA OU NOVO-HISPANA

Em 1 e 2, a bibliografia oferecida é seletiva, a saber, respectiva somente aos trabalhos de Mauricio Beuchot sobre os tópicos do subtítulo. Acerca desses temas, fez-se um esforço de obter, a cada vez, uma lista completa, que, no caso dos artigos e capítulos, dificilmente foi bem-sucedido. De todo modo, as listas são bastante representativas.

#### 1. LIVROS, EDIÇÕES E TRADUÇÕES (CONFORME O ANO DE PUBLICAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO)

BEUCHOT, Mauricio, *La antropología filosófica de Tomás de Aquino*, México, Centro de Estudios y Formación Social, 1979.

— *El problema de los universales*, México, Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, 1981 (2ª1997).

— *La filosofía del lenguaje en la Edad Media*, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1982 (2ª1991).

— *Filosofía analítica, filosofía tomista y metafísica*, México, Universidad Iberoamericana, 1983.

— *Antropología filosófica*, México, Universidad Iberoamericana, 1983.

— y MELCON, A., *Los dominicos en la Real y Pontificia Universidad de México*, México, Cuadernos Dominicanos 10, 1984.

— y REDMOND, Walter, *La lógica mexicana del siglo de oro*, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas – UNAM, 1985.

— Juan de Santo Tomás. *Compendio de lógica*, introducción, traducción y notas de M. Beuchot, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1986.

— Pedro Hispano. *Tractatus llamados después Summule Logicales*, traducción de M. Beuchot, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1986.

— Tomás de Mercado, *Comentarios lucidísimos al texto de Pedro Hispano*, traducción e introducción de M. Beuchot, Ciudad de México, UNAM, 1986.

— *Filósofos dominicos novohispanos. (Entre sus colegios y la universidad)*, Ciudad de México, UNAM, 1987.

— Juan de Santo Tomás. *Cuestiones de lógica*, introd., traducción y notas de M. Beuchot, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, 1987.

- *Metafísica. La ontología aristotélico-tomista de Francisco de Araújo*, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas – UNAM, 1987.
- y REDMOND, Walter, *Pensamiento y realidad en fray Alonso de la Vera Cruz*, México, Centro de Estudios Clásicos – UNAM, 1987.
- *Antología de fray Alonso de la Vera Cruz*, Morelia, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 1988.
- *Significado y discurso. La filosofía del lenguaje en algunos escolásticos españoles post-medievales*, Ciudad de México, UNAM, 1988.
- Alonso de la Vera Cruz, *Libro de los elencos sofisticos*, introducción, traducción y notas de M. Beuchot, Ciudad de México, UNAM, 1989.
- Alonso de la Vera Cruz, *Libro de los tópicos dialéticos*, introducción, traducción y notas de M. Beuchot, Ciudad de México: UNAM, 1989.
- Juan de Santo Tomás. *De los signos y los conceptos*, introducción y traducción de M. Beuchot, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1989.
- *Los principios de la filosofía social de Santo Tomás*, México, IMDOSOC, 1989.
- *La filosofía social de los pensadores novohispanos. La búsqueda de la justicia social y el bien común en tiempos del virreinato*, México, IMDOSOC, 1990.
- y IÑIGUEZ, Jorge, *El pensamiento filosófico de Tomás de Mercado: lógica y economía*, Ciudad de México, UNAM, 1990.
- *Estudios de historia y de filosofía en el México colonial*, Ciudad de México, Instituto de Investigaciones Bibliográficas de la UNAM, 1991.
- *Metafísica y persona. Perspectivas del pensamiento de Santo Tomás de Aquino*, Querétaro (México), Universidad Autónoma de Querétaro, 1991.
- *Introducción a la filosofía de Santo Tomás de Aquino*, México, Instituto de Investigaciones Filológicas de la UNAM, 1992 (Escuela Nacional Preparatoria de la UNAM, 2<sup>a</sup>1994).
- *La esencia y la existencia en la filosofía escolástica medieval. Su repercusión en la filosofía analítica actual*, México, Publicaciones Medievalia – UNAM, 1992.
- *La querrela de la conquista. Una polémica del siglo XVI*, México, Siglo XXI, 1992.
- *La teología de los dominicos novohispanos de México, en el siglo XVI*, México, Cuadernos Presencia Dominicana, 1992.

- y REDMOND, Walter, *Dos homenajes: Alonso de la Veracruz y F. X. Clavigero*, Michoacán, 1992.
- y REDMOND, Walter, *Fray Alonso de la Veracruz – Antología y facetas de su obra*, Ciudad de México, 1992.
- Juan de Santo Tomás. *Teoría aristotélica de la ciencia*, México, UNAM, 1993.
- *Signo y lenguaje en la filosofía medieval*, México, UNAM, 1993.
- *El espíritu filosófico medieval*, México, UNAM, 1994.
- *Los fundamentos de los derechos humanos en Bartolomé de las Casas*, Barcelona – Bogotá, Anthropos – Siglo del Hombre Eds., 1994.
- *Metafísica, lógica y lenguaje en la filosofía medieval*, Barcelona, Publicaciones y Promociones Universitarias, 1994.
- Tomás de Mercado. *Libro de los predicamentos o categorías*, Ciudad de México, UNAM, 1994.
- *Aristas de la filosofía medieval*, Barcelona, Promociones y Publicaciones Universitarias, 1995.
- *Escolástica ibérica postmedieval. Algunas teorías del signo*, selección de textos, introducción y traducción de M. Beuchot, Maracaibo – Caracas, Escuela de Filosofía de la Universidad del Zulia, 1995.
- J. Zapata y Sandoval. *Disceptación sobre justicia distributiva y sobre la acepción de personas a ella opuesta, Segunda parte*, México, UNAM, 1995.
- *Pensamiento filosófico de San Vicente Ferrer*, Valencia, Ajuntamento de Valencia, Colecció Sant Vicent Ferrer, 1995.
- y REDMOND, Walter, *La teoría de la argumentación en el México colonial*, México, UNAM, 1995.
- *Filosofía y ciencia en el México dieciochesco*, Ciudad de México, Facultad de Filosofía y Letras de la UNAM, 1996.
- *Historia de la filosofía en el México colonial*, Barcelona, Herder, 1996. (Inglés: *The History of Philosophy in Colonial Mexico*, Washington, The Catholic University of America Press, 1998).
- y MARQUÍNEZ ARGOTE, G., *La filosofía en la América Colonial*, Bogotá, Ed. El Búho, 1996.
- *Ética y derecho en Tomás de Aquino*, México, Publicaciones de Medievalia, 14, Instituto de Investigaciones Filológicas de la UNAM, 1997.



- J. J. de Eguiara y Eguren, *La filosofía de la trascendencia (Selectae Dissertationes Mexicanae, tract. I, dissert. 1-2)*, introducción, traducción y notas de M. Beuchot, México, UNAM, 1997.
- y ÁNGEL SOBRINO, Miguel, *Historia de la filosofía. Desde la antigüedad hasta la postmodernidad*, México, Ed. Torres Asociados, 1998.
- Juan de Santo Tomás. *Semiótica, filosofía del lenguaje y argumentación*, Pamplona, Cuadernos de Anuario Filosófico Serie de Pensamiento Español, 1999.
- *Tomás de Mercado (1523-1575). Antología filosófica*, Pamplona, Cuadernos de Anuario Filosófico Serie de Pensamiento Español, 1999.
- *Filósofos humanistas novohispanos*, Pamplona, Cuadernos de Anuario Filosófico Serie de Pensamiento Español, 2002.
- *Interculturalidad y derechos humanos*, México, UNAM – Siglo XXI, 2005.
- *Puentes hermenéuticos hacia las humanidades y la cultura*, México, Ediciones Eón, Universidad Iberoamericana, 2006.
- *Temas de ética aplicada*, México, Torres Asociados, 2007.
- *Facetas del pensamiento colonial mexicano*, México, Cuadernos del Seminario de Cultura Mexicana, 2008.
- *Retóricos de la Nueva España*, México, IIFL, UNAM, 2010.
- *Filosofía y lenguaje en la Nueva España*, México, IIFL – UNAM, 2011.

2. ARTIGOS DE PERIÓDICOS E CAPÍTULOS DE LIVROS, INCLUINDO TRADUÇÕES (CONFORME O ANO DE PUBLICAÇÃO)

- BEUCHOT, Mauricio, “San Alberto Magno. *Opúsculo de lo bello y lo Bueno*, traducción y introducción de M. Beuchot”, en *Revista de Filosofía (UIA)*, 9 (1976), 99-121 y 225-248. También en *Idem*, San Alberto Magno, *Opúsculo de lo bello y lo Bueno*, traducción y introducción de M. Beuchot, México, UIA, Cuadernos de Filosofía, 3, 1977, 48 pp.
- “El primer planteamiento teológico-jurídico sobre la conquista de América: John Mair”, en *La Ciencia Tomista*, 103 (1976), 213-230.
  - “Microcosmos y psicología”, en *Diálogos*, 10 (1979), 10-15.
  - “La substancia en la filosofía analítica y en el tomismo”, en *Revista de Filosofía*, 13 (1980), 293-319.
  - “Sobre el estatuto de la filosofía y la ciencia”, en *Colección Pedagógica*, 10 (1980), 41-52.

- “Arias, Antonio, S. J.”, en ALVAREZ, J. R. (ed.), *Enciclopedia de la Iglesia Católica en México*, México, Enciclopedia de México, Vol. I, 1982.
- “La semántica en la lógica de Tomás de Mercado”, en *Crítica* (UNAM), 14/42 (1982), 49-63.
- “Sobre algunas ideas lógicas de Juan Bernoulli”, en *Diánoia* (UNAM), 28 (1982), 173-177.
- “Sobre el conocimiento de la materia”, en ESQUIVEL, J. (ed.), *La polémica del materialismo*, Madrid, Tecnos, 1982, 146-153.
- “La filosofía y la ciencia en la filosofía analítica y el tomismo”, en *Logos*, 31 (1983).
- “La lógica formal en las *Súmulas* (1571) de Tomás de Mercado”, en *Cuadernos Salmantinos de Filosofía*, 10 (1983), 141-156.
- “Los términos y las categorías sintáctico-semánticas en la lógica post-medieval”, en *Diánoia*, 29 (1983), 175-196.
- “Sujeto y predicado en Peter Thomas Geach”, en *Humanidades*, 7 (1983), 59-104.
- “El problema de los universales en Domingo de Soto y Alonso de la Vera Cruz”, en *Revista de Filosofía* (UIA, México), 17 (1984), 249-273.
- “La lógica proposicional en Tomás de Mercado”, en *Diánoia* (UNAM), 20 (1984), 211-219.
- “Fundamentos filosóficos de la justicia: Vitoria y Las Casas”, en *CIDAL* (República Dominicana), 5/11 (1985).
- y GONZÁLEZ RUIZ, E., “La falacia de petición de principio en Fray Alonso de la Vera Cruz”, en *Nova Tellus*, 3 (1985), 221-233.
- ““Introducción” a Sto. Tomás, “Sobre las falacias””, en SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Opúsculos filosóficos selectos*, México, SEP, 1986.
- “La actualidad de la antropología filosófica de Fray Bartolomé de las Casas”, en *Cuadernos de Realidades Sociales* (Madrid), 27-28 (1986).
- “La antropología filosófica de Alonso de la Vera Cruz”, en V.V.A.A., *Homenaje a fray Alonso de la Vera Cruz en el IV Centenario de su muerte (1584-1984)*, México, Instituto de Investigaciones Jurídicas – UNAM, 1986, 11-24.
- “La lógica material o dialéctica (1571) de Tomás de Mercado”, en *Palabra* (Universidad de Guadalajara, México), 1/2-3 (1986), 76-88.
- “Los principios de la ciencia en Tomás de Mercado”, en *Quiqu. Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*, 3/1 (1986), 103-111.

- “Un antecesor de Frege: Vicente Ferrer (s. XIV) y la estructura proposicional”, en *Escritos del Vedat*, 14 (1986), 389-397.
- y IÑIGUEZ, J., “Ciencia empírica contra ciencia teórica: un falso dilema (Aristóteles y Galileo)”, en *Quipu. Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*, 3/2 (1986), 213-232.
- “Algunos profesores dominicos en la Universidad de México durante el siglo XVII”, en PESET, M. (ed.), *Universidades españolas y americanas*, Valencia, CSIC – Comissió per al Ve Centenari del Descobriment d’Amèrica, 1987, 101-108. También en RAMÍREZ, C. I. y PAVÓN, A. (comps.), *La universidad novohispana: corporación, gobierno y vida económica*, México, UNAM, 1996, 291-299.
- “Fray Jerónimo de Feijóo y las falacias aristotélicas”, en *Estudios*, 8 (1987), 73-84.
- “Fray Servando Teresa de Mier y el derecho a la insurgencia en el caso de México”, en *Justicia y Paz. Revista de Derechos Humanos*, II/3 (1987).
- “Guillermo de Ockham”, en *Historia de la filosofía*, México, UNAM – Porrúa, 1987, 33-35.
- “La filosofía del lenguaje en la Edad Media”, en *Historia de la filosofía*, México, UNAM – Porrúa, 1987, 45-54.
- “Las falacias y las paradojas lógico-semánticas en la Edad Media”, en *Manuscrito*, 10 (1987).
- “Lectores conventuales en la Provincia de Santiago de México (siglo XVI)”, en *Archivo Dominicano* (Salamanca, España), 7 (1987).
- “San Agustín”, en *Historia de la filosofía*, México, UNAM – Porrúa, 1987, 29-32.
- “Santo Tomás de Aquino”, en *Historia de la filosofía*, México, UNAM – Porrúa, 1987, 37-44.
- “Ética y justicia en Tomás de Aquino”, en PLATTS, M. (comp.), *La ética a través de su historia*, México, IIF-UNAM, 1988, 41-54.
- “Fray Matías de Córdova, filósofo, libertador y maestro”, en *Justicia y Paz. Revista de Derechos Humanos*, III/3-4 (1988).
- “La teoría semántica medieval de la suppositio”, en RUIZ GONZÁLEZ, E. (ed.), *Filosofía y cultura medievales*, México, UAM, 1988, 42-51.
- “Vicente de Aragón, “Teoría del signo” (México, s. XVIII), en *Investigaciones semióticas* (Valencia, Venezuela), 7/8 (1988-1989), 12-16.

- “Argumentación, retórica y conversión en Bartolomé de Las Casas”, en *Cuadernos para la historia de la evangelización en América Latina* (Cuzco, Perú), 4 (1989).
- “La filosofía social y política de Santo Tomás de Aquino”, en BENÍTEZ, L. (comp.), *Antologías para la actualización de los profesores de enseñanza media superior: filosofía II – ética y filosofía política*, México, UNAM – Porrúa, 1989, 25-30.
- “Psicología y política. La praxis cristiana como liberación en Santo Tomás de Aquino”, en CHECA, R. (comp.), *Compromiso político y espiritualidad cristiana*, México, CEVHAC – Progreso, 1990, 105-116.
- “Tradition and Modernity in a Spanish Compendium of the *Cursus Philosophicus* of Andrés de Guevara y Basoazábal”, en *Dieciocho. Hispanic Enlightenment, Aesthetics and Literary Theory*, 13 (1990), 165-170.
- “Albert de Saxe: la supposition sémantique et les noms vides”, en BIARD, J. (ed.), *Itinéraires d’Albert de Saxe. Paris – Vienne au XIVe siècle*, Paris, Vrin, 1991, 111-124.
- “Bartolomé de Ledesma y su *Suma de sacramentos*”, en *Estudios de Historia Novohispana*, 11 (1991), 253-265.
- “El problema del conocimiento y el realismo en Juan David García Bacca”, en V.V.A.A., *Cincuenta años de exilio español en México*, Tlaxcala (México), Universidad Autónoma de Tlaxcala – Embajada de España, 1991, 37-48.
- “Filósofos humanistas novohispanos”, en OSORIO ROMERO, I. (ed.), *La tradición clásica en México*, México, UNAM, 1991, 109-148.
- “La filosofía de la amistad en Sto. Tomás de Aquino”, en COMPANY, C. (ed.), *Amor y cultura en la Edad Media*, México, UNAM, 1991, 19-27.
- “La ley natural como fundamento de la ley positiva en Francisco Javier Alegre”, en *Dieciocho. Hispanic Enlightenment, Aesthetics and Literary Theory*, 14 (1991), 124-129.
- “La teoría del significado en el último Wittgenstein y en Sto. Tomás de Aquino”, en V.V.A.A., *Homenaje a Wittgenstein*, México, UIA – Cuadernos de Filosofía, 15, 1991, 61-76.
- “Bartolomé de las Casas ante el descubrimiento de América: su defensa de la libertad de expresión del pensamiento”, en DE LA GARZA, M. (ed.), *En torno al Nuevo Mundo*, México, Facultad de Filosofía y Letras de la UNAM, 1992, 93-104.

- “Bartolomé de Ledesma y su Suma de sacramentos”, en V.V.A.A., *Dominicos en Mesoamérica – 500 años*, México – Colonia, Provincia de Santiago de México – Provincia de Teutonia, 1992, 115-130.
- “Comparación de la retórica con la lógica según Roberto Kilwardby”, en CONCEPCIÓN C. et alii (eds.), *Heterodoxia y ortodoxia medieval*, México, UNAM, 1992, 177-189.
- “El humanismo de fray Julián Garcés, O.P.”, en V.V.A.A., *Dominicos en Mesoamérica – 500 años*, México – Colonia, Provincia de Santiago de México – Provincia de Teutonia, 1992, 39-46.
- “El sistema lógico de fray Alonso de la Veracruz”, en GÓMEZ ROBLEDO, A y BEUCHOT, M. (eds.), *Fray Alonso de la Veracruz. Antología y facetas de su obra*, Morelia (México), Gobierno del Estado de Michoacán de Ocampo – Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 1992, 217-227.
- “Fray Juan Ramírez, O.P., y sus escritos en contra de la esclavitud de los indios (1595)”, en V.V.A.A., *Dominicos en Mesoamérica – 500 años*, México – Colonia, Provincia de Santiago de México – Provincia de Teutonia, 1992, 163-172.
- “Fray Pedro de Pravia y su Tratado de la eucaristía”, en V.V.A.A., *Dominicos en Mesoamérica – 500 años*, México – Colonia, Provincia de Santiago de México – Provincia de Teutonia, 1992, 131-144. También en RAMÍREZ, C. I. y PAVÓN, A. (comps.), *La universidad novohispana: corporación, gobierno y vida económica*, México, UNAM, 1996, 300-310.
- “Introducción general: Humanismo y derechos humanos en la conquista según Fray Alonso de la Veracruz”, en GÓMEZ ROBLEDO, A y BEUCHOT, M. (eds.), *Fray Alonso de la Veracruz. Antología y facetas de su obra*, Morelia (México), Gobierno del Estado de Michoacán de Ocampo – Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 1992, 37-42.
- “La filosofía política de Carlos de Sigüenza y Góngora”, en V.V.A.A., *América Latina: historia y destino. Homenaje a Leopoldo Zea, Vol. II*, México, UNAM, 1992, 41-47.
- “La materia y la substancia material en Ockham”, en TOMASINI BASOLS, A. et alii (eds.), *El concepto de materia*, México, Ed. Colofón, 1992, 9-20.
- “Lógica y dialéctica en fray Alonso de la Veracruz”, en BEUCHOT, M. y NAVARRO, B. (comps.), *Dos homenajes: Alonso de la Veracruz y Francisco Xavier Clavigero*, México, UNAM, 1992, 13-24.

- “Sistema y sistematicidad en la filosofía de Santo Tomás de Aquino”, en BENÍTEZ, L. y ROBLES, J. A. (comps.), *Filosofía y sistema*, México, UNAM, 1992, 7-15.
- “Tomás de Mercado y su Suma de tratos y contratos”, en V.V.A.A., *Dominicos en Mesoamérica – 500 años*, México – Colonia, Provincia de Santiago de México – Provincia de Teutonia, 1992, 145-161.
- “Algunos aspectos de la filosofía político-social de san Vicente Ferrer”, en COMPANY, C. – GONZÁLEZ, A. – VON DER WALDE, L. – ABELLÁN, C. (comps.), *Voces de la Edad Media*, México, UNAM, 1993, 49-58.
- “El fundamento de los derechos humanos em Bartolomé de Las Casas”, en *Arete*, V (1993):1-2, 3-13.
- “La influencia del Renacimiento en la Colonia”, en BOFILL BATALLA, G. (comp.), *Simbiosis de culturas. Los inmigrantes y su cultura en México*, México, FCE – Conaculta, 1993, 35-64.
- “La percepción sensible en Santo Tomás de Aquino”, en BENÍTEZ, L. y ROBLES, J. A. (comps.), *Percepción: colores*, México, UNAM, 1993, 11-29.
- “Reflexiones en torno a las relaciones alma-cuerpo en Santo Tomás de Aquino”, en BENÍTEZ, L. y ROBLES, J. A. (comps.), *El problema de la relación mente-cuerpo*, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas de la UNAM, 1993, 13-24.
- “Retórica y filosofía en fray Luis de Granada”, en GARCÍA DEL MORAL, A. y ALONSO DEL CAMPO, U. (comps.), *Fray Luis de Granada. Su obra y su tiempo*, Granada, Universidad de Granada, 1993, Vol. I, 489-500.
- “Sobre el conocimiento filosófico y teológico de Dios en Eguiara y Eguren”, en DE LA TORRE VILLAR, E. (coord.), *Juan José de Eguiara y Eguren y la cultura mexicana*, México, UNAM, 1993, 1-28.
- “Adolfo García de la Sienra”, en SANABRIA, J. R. y BEUCHOT, M. (eds.), *Historia de la filosofía cristiana en México*, México, UIA, 1994., 207-211.
- “Apéndice: El estudio de la tradición neolatina dentro de la filosofía novohispana. El grupo de estudios de la UNAM y la Bibliotheca Philosophica Latina Mexicana”, en SANABRIA, J. R. y BEUCHOT, M. (eds.), *Historia de la filosofía cristiana en México*, México, UIA, 1994, 363-375.
- “Benjamín Valdivia”, en SANABRIA, J. R. y BEUCHOT, M. (eds.), *Historia de la filosofía cristiana en México*, México, UIA, 1994, 349-350.

- “Bernabé Navarro”, en SANABRIA, J. R. y BEUCHOT, M., *Historia de la filosofía cristiana en México*, México, UIA, 1994, 191-194.
- “Chrysostom Javellus (b. 1472; d. 1538) and Francis Sylvester of Ferrara (b. 1474; d. 1526)”, en GRACIA, J. J. E. (ed.), *Individuation in Scholasticism. The Latter Middle Ages and the Counter-Reformation, 1150-1650*, Albany, N.Y., State University of New York Press, 1994, 457-473.
- “Conclusión”, en SANABRIA, J. R. y BEUCHOT, M. (eds.), *Historia de la filosofía cristiana en México*, México, UIA, 1994, 359-362.
- “Derechos naturales y derechos humanos en Bartolomé de las Casas y la Escuela de Salamanca”, en VILLEGAS, A. et alii, *Democracia y derechos humanos*, México, UNAM – Miguel Angel Porrúa, 1994, 85-99.
- “El humanismo en el neoaristotelismo y el comunitarismo postmodernos. Algunas apreciaciones”, en V.V.A.A., *Homenaje en memoria del Dr. Miguel Mansur*, México, UIA, 1994, 8-16.
- “Filósofos novohispanos del siglo XVI”, en SANABRIA, J. R. y BEUCHOT, M. (eds.), *Historia de la filosofía cristiana en México*, México, UIA, 1994, 21-41.
- “Francisco Javier Clavijero”, en SANABRIA, J. R. Y BEUCHOT, M., *Historia de la filosofía cristiana en México*, México, UIA, 1994, 107-113.
- “José Rubén Sanabria”, en SANABRIA, J. R. y BEUCHOT, M. (eds.), *Historia de la filosofía cristiana en México*, México, UIA, 1994, 243-256.
- “Juan Benito Díaz de Gamarra y Dávalos”, en SANABRIA, J. R. y BEUCHOT, M. (eds.), *Historia de la filosofía cristiana en México*, México, UIA, 1994, 115-127.
- “Los comienzos de la Facultad de Filosofía o Artes en la Real Universidad de México”, en V.V.A.A., *Setenta años de la Facultad de Filosofía y Letras*, México, UNAM, 1994, 83-96.
- “La filosofía aristotélico-escolástica en la *Retórica* de Diego Valadés”, en FINZI, C. y MORGANTI, A. (eds.), *Un francescano tra gli Indios. Diego Valadés e la “Rhetorica Christiana”*, Rimini, Il Cerchio, 1995, 197-205.
- “Libertad y libre albedrío en Santo Tomás”, en V.V.A.A., *Sanctvs Thomas de Aqvino doctor hodiernae hvmanitatis*, Città del Vaticano, Pontificia Accademia di S. Tommaso, 1995, 439-446.
- “Los autos de Sor Juana: tres lugares teológicos”, en POOT HERRERA, S. (ed.), *Sor Juana y su mundo. Una mirada actual*, México, Universidad del Claustro de Sor Juana – FCE, 1995, 353-392.
- “Algunas doctrinas filosóficas de Francisco Xavier Alegre sobre el hombre, el derecho y la guerra justa”, en OLIVÉ, L. y VILLORO, L. (eds.),

- Filosofía moral, educación e historia. Homenaje a Fernando Salmerón*, México, UNAM, 1996, 507-517.
- “Algunas fuentes de la filosofía social de fray Ramón Casaus, O.P., catedrático de la universidad y autor del ‘Anti-Hidalgo’”, en GONZÁLEZ GONZÁLEZ, E. (coord.), *Historia y universidad. Homenaje a Lorenzo Mario Luna*, México, UNAM, 1996, 587-594.
  - “El sentido del dolor en la hermenéutica mística de Ramon Llull”, en CABRERA, I. y NATHAN, E. (comps.), *Religión y sufrimiento*, México, UNAM, 1996, 119-125.
  - “El universo filosófico de Sor Juana”, en BEUCHOT, M. y PEÑA, M. Andueza, *Homenaje a Sor Juana Inés de la Cruz (1695-1995)*, México, UNAM-SUA, 1996, 9-19.
  - “Eugenio Trías y Hermes: límites, analogía y mestizaje”, en BEUCHOT, M. y PEÑA, M. Andueza, *Homenaje a Sor Juana Inés de la Cruz (1695-1995)*, México, UNAM-SUA, 1996, 271-288.
  - “La filosofía en el México colonial”, en MARQUÍNEZ ARGOTE, G. y BEUCHOT, M. (eds.), *La filosofía en la América colonial*, Bogotá, Ed. El Búho, 1996, 21-52.
  - “Some Examples of Logic in New Spain (Sixteenth-Eigtheenth Century)”, en ANGELELLI, I and CERESO, M. (eds.), *Studies on the History of Logic*, Proceedings of the III Symposium on the History of Logic, Berlin – New York, Walter de Gruyter, 1996, 215-228.
  - “Some Traces of the Presence of Scepticism in Medieval Thought”, en POPKIN, R. H. (ed.), *Scepticism in the History of Philosophy. A Pan-American Dialogue*, Dordrecht, Kluwer, 1996, 37-43.
  - “La vida y la obra de Bartolomé de las Casas como paradigma de historiador que reconoce la identidad latinoamericana en el indígena”, en MARTÍNEZ LACY, R. (comp.), *Historia y hermenéutica*, México, UNAM-ENEP Acatlán, 1997, 43-57.
  - “Le carré de Saint Anselme et le carré sémiotique de Greimas”, en LANDOWSKI, E. (ed.), *Lire Greimas*, Limoges, Presses Universitaires de Limoges, 1997, 15-27.
  - “Panorámica de temas en la filosofía novohispana”, en RAMÍREZ, M. T. (coord.), *Filosofía de la cultura en México*, Morelia – México, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo – Plaza y Valdés, 1997, 69-80.
  - “Presencia de Nebrija en la Nueva España: Julián Garcés y Bartolomé de las Casas”, en GUZMÁN BETANCOURT, I. y DÍAZ, Eréndira Nansen (eds.), *Memoria del coloquio La obra de Antonio de Nebrija y su recepción*



en la Nueva España. *Quince estudios nebrisenses (1492-1992)*, México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1997, 145-151.

- “Signo y semiótica en el siglo de oro español”, en GONZÁLEZ OCHOA, C. (comp.), *Filosofía y semiótica. Algunos puntos de contacto*, México, UNAM, 1997, 71-91.
- “The Philosophical Discussion of the Legitimacy of the Conquest of Mexico in the Sixteenth Century”, en WHITE, K. (ed.), *Hispanic Philosophy in the Age of Discovery*, Washington, The Catholic University of America Press, 1997, 31-44.



#### BIBLIOGRAFIA (OBRAS CITADAS NAS NOTAS DE RODAPÉ)

- AGUAYO, Enrique, *Pensamiento e investigaciones filosóficas de Mauricio Beuchot*, Ciudad de México, Universidad Iberoamericana, 1996.
- BEUCHOT, Mauricio, *La antropología filosófica de Tomás de Aquino*, México, Centro de Estudios y Formación Social, 1979.
- *El problema de los universales*, México, Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, 1981 (2<sup>a</sup>1997).
  - *La filosofía del lenguaje en la Edad Media*, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1982 (2<sup>a</sup>1991).
  - *Filosofía analítica, filosofía tomista y metafísica*, México, Universidad Iberoamericana, 1983.
  - y MELCON, A., *Los dominicos en la Real y Pontificia Universidad de México*, México, Cuadernos Dominicanos 10, 1984.
  - y REDMOND, Walter, *La lógica mexicana del siglo de oro*, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas – UNAM, 1985.
  - Juan de Santo Tomás. *Compendio de lógica*, introducción, traducción y notas de M. Beuchot, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1986.
  - Tomás de Mercado, *Comentarios lucidísimos al texto de Pedro Hispano*, traducción e introducción de M. Beuchot, Ciudad de México, UNAM, 1986.
  - *Filósofos dominicos novohispanos. (Entre sus colegios y la universidad)*, Ciudad de México, UNAM, 1987.
  - Juan de Santo Tomás. *Cuestiones de lógica*, introducción, traducción y notas de M. Beuchot, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, 1987.

- y REDMOND, Walter, *Pensamiento y realidad en fray Alonso de la Vera Cruz*, México, Centro de Estudios Clásicos – UNAM, 1987.
- *Antología de fray Alonso de la Vera Cruz*, Morelia, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 1988.
- *Significado y discurso. La filosofía del lenguaje en algunos escolásticos españoles post-medievales*, Ciudad de México, UNAM, 1988.
- Alonso de la Vera Cruz, *Libro de los elencos sofísticos*, introducción, traducción y notas de M. Beuchot, Ciudad de México, UNAM, 1989.
- Alonso de la Vera Cruz, *Libro de los tópicos dialécticos*, introducción, traducción y notas de M. Beuchot, Ciudad de México, UNAM, 1989.
- Juan de Santo Tomás. *De los signos y los conceptos*, introducción y traducción de M. Beuchot, México, Instituto de Investigaciones Filosóficas, UNAM, 1989.
- *La filosofía social de los pensadores novohispanos. La búsqueda de la justicia social y el bien común en tiempos del virreinato*, México, IMDOSOC, 1990.
- y ÑIGUEZ, Jorge, *El pensamiento filosófico de Tomás de Mercado: lógica y economía*, Ciudad de México, UNAM, 1990.
- *Estudios de historia y de filosofía en el México colonial*, Ciudad de México, Instituto de Investigaciones Bibliográficas de la UNAM, 1991.
- *La querrela de la conquista. Una polémica del siglo XVI*, México, Siglo XXI, 1992.
- *La teología de los dominicos novohispanos de México, en el siglo XVI*, México, Cuadernos Presencia Dominicana, 1992.
- y REDMOND, Walter, *Dos homenajes: Alonso de la Veracruz y F. X. Clavigero*, Michoacán, 1992.
- *Los fundamentos de los derechos humanos en Bartolomé de las Casas*, Barcelona – Bogotá, Anthropos – Siglo del Hombre Eds., 1994.
- y REDMOND, Walter, *La teoría de la argumentación en el México colonial*, México, UNAM, 1995.
- *Historia de la filosofía en el México colonial*, Barcelona, Herder, 1996. (Inglés: *The History of Philosophy in Colonial Mexico*, Washington, The Catholic University of America Press, 1998).
- *Tratado de hermenéutica analógica*, México, Facultad de Filosofía y Letras (UNAM) / Ítaca, 1997 (42009).
- *Filósofos humanistas novohispanos*, Pamplona, Cuadernos de Anuario Filosófico Serie de Pensamiento Español, 2002.

- *Universalidad e individuo. La hermenéutica analógica en la filosofía de la cultura y en las ciencias humanas*, Morelia, Editorial Jitanjáfora, 2002.
  - *Hermenéutica analógica y del umbral*, Salamanca, San Esteban, 2003.
  - *Hermenéutica analógica. Aplicaciones en América Latina*, Bogotá, El Búho, 2003.
  - *Interculturalidad y derechos humanos*, México, UNAM – Siglo XXI, 2005.
  - *Puentes hermenéuticos hacia las humanidades y la cultura*, México, Ediciones Eón, Universidad Iberoamericana, 2006.
  - – VATTIMO, Gianni – VELASCO, Ambrosio, *Hermenéutica analógica y hermenéutica débil*, México, UNAM, 2006.
  - *Compendio de hermenéutica analógica*, México, Torres Asociados, 2007.
  - *Temas de ética aplicada*, México, Torres Asociados, 2007.
  - *Facetas del pensamiento colonial mexicano*, México, Cuadernos del Seminario de Cultura Mexicana, 2008.
  - *Filosofía y lenguaje en la Nueva España*, México, IIFL, UNAM, 2011.
- FRANCO, Nora María Matamoros, “Bibliografía sobre Mauricio Beuchot”, en <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/beuchot/biblio-sobre.htm>. Consultado pela última vez em 20 de novembro de 2011.
- “Mauricio Beuchot Puente. El hombre y su obra”, en <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/beuchot/introd.htm>. Consultado pela última vez em 20 de novembro de 2011.
- REDMOND, Walter B., *Bibliography of the Philosophy in the Iberian Colonies of America*, The Hague, Nijhoff, 1972.
- “Formal Logic in New Spain: The Work of Fray Alonso”, en *International Philosophical Quarterly*, 19:3 (1979), 331-351.
  - “Logic in New Spain”, en *The Review of Metaphysics*, 33 (1979), 220-221.
  - “Extensional Interpretation of General Sentences in 16th. Century Ibero-American Logic”, en *Crítica*, 13/39 (1981), 45-73.
  - “La suposición y el ascenso/descenso en Alonso de la Veracruz”, en *Revista de filosofía*, 15/42 (1982), 349-393.
  - “La Logica mexicana de Antonio Rubio – Una nota histórica”, en *Diánoia* (UNAM), 28 (1982), 309-330.
  - “Modal Logic in 16th. Century Mexico”, en *Crítica*, 15/43 (1983), 31-49.

- “Lógica y ciencia en la *Logica mexicana* de Rubio”, en *Quiipu: Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*, 1/1 (1984), 55-82.
- “Extensionalidad en la lógica asertórica y modal de la Nueva España”, en *Analogía*, 1 (1987), 61-67 (online).
- “Relations and 16th. Century Mexican Logic”, en *Crítica* (Instituto de Investigaciones Filosóficas de la UNAM), 22/65 (1990), 23-41.
- “Latin America, Colonial Thought in”, en CRAIG, Edward (ed.), *The Routledge Encyclopedia of Philosophy*, London – New York, Routledge, 1998, Vol. 5, 421-426.
- “La inferencia cuantificada en la lógica mexicana del siglo XVI”, en *Diánoia*, 45 (1999), 1-33.
- “Quantified Inference in 16th. Century Mexican Logic”, en *Vivarium*, (2001), 87-118.
- *La lógica del siglo de oro. Una introducción histórica a la lógica*, Pamplona, Eunsa, 2002.

REDMOND, Walter y BEUCHOT, Mauricio, *La lógica mexicana del Siglo de Oro*, México, Universidad Nacional de México, 1985.

- y BEUCHOT, Mauricio, *Pensamiento y realidad en fray Alonso de la Vera Cruz*, México, UNAM, 1987.
- y BEUCHOT, Mauricio, *Dos homenajes: Alonso de la Veracruz y F. X. Clavigero*, Michoacán, 1992.
- y BEUCHOT, Mauricio, *Fray Alonso de la Veracruz – Antología y facetas de su obra*, México, 1992.
- y BEUCHOT, Mauricio, *La teoría de la argumentación en el México colonial*, México, Universidad Nacional de México, 1995.

ROBLES, Oswaldo, *Filósofos mexicanos del siglo XVI*, México, Porrúa, 1950.